

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Do (não)encontro ao possível reencontro: pensando a psicoterapia de uma dupla mãe-bebê a partir dos indicadores de intersubjetividade

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Psicóloga, sob orientação da Prof^a Dr^a. Milena da Rosa Silva.

JÉSSICA SUSANA TAG

PORTO ALEGRE

2017

Dedicatórias...

Primeiramente dedico à minha família que confia nas minhas escolhas e me dá apoio para que eu siga lutando por tudo aquilo que desejo realizar;

Faz parte da família, mas um agradecimento especial à minha dinda Rosane que abriu seus braços e a porta de sua casa para me receber durante os seis anos de graduação;

Às minhas colegas da psicologia: Andressa, Gabi e Duda, que seguiram junto comigo mesmo que já não tivéssemos mais cursando as mesmas cadeiras. Que continuemos, a nosso modo, compartilhando nossas vivências;

Às colegas do Centro Pais-bebê que foram parceiras de encontros semanais e norte para a escolha do tema do meu TCC;

À dupla mãe-bebê que escolhi para estudo de caso, os quais não tive a oportunidade de conhecer, mas me instigaram e me despertaram sentimentos mesmo que sendo observados a partir de filmagens feitas dos atendimentos. Isso foi uma experiência muito rica;

À minha orientadora Milena da Rosa que me deu liberdade na escolha do tema e, ao mesmo tempo, suporte para que eu pudesse embasar e seguir minha escrita;

À UFRGS por ter me tirado, literalmente, de casa, do meu aconchego, para me fazer crescer tanto. Principalmente por ter me dado a chance de fazer um intercâmbio: um dos meus maiores sonhos!

Ao que ficou,

Ao que virá e

Ao amor...

Sumário...

1. As ideias que surgem...	4
2. Um breve objetivo...	5
3. Começamos por aqui...	6
4. Indicadores de intersubjetividade...	8
5. Observando a prática...	14
6. Algumas, de tantas, considerações finais...	28
7. As referências que me embasaram...	31

1. As ideias que surgem...

Não há outra relação que seja tão íntima e visceral quanto a relação mãe-bebê. Desde os primeiros momentos, ainda enquanto feto, o bebê já pode reconhecer os ritmos da mãe. São os batimentos cardíacos, o tom da voz, os ruídos do ventre e todos os movimentos do corpo que demonstram para aquele novo ser, de forma muito particular, toda a oscilação de emoções a que a mãe está sujeita. Essa relação que causa mudanças físicas, químicas, biológicas e, especialmente, psíquicas é estudada há muitos anos e com enfoque nos mais diversos âmbitos. Pudera, já que não deve haver nada mais curioso e interessante do que poder gerar dentro de si uma nova vida. A gravidez desperta para o novo, ao mesmo tempo em que faz a mãe reviver, inconscientemente, aspectos de sua própria infância e de sua relação também com sua mãe. Além disso, as cobranças sociais aumentam a partir do momento em que uma mulher admite o seu desejo – ou não – de ser mãe: muda o olhar sobre ela, mais expectativas lhe são depositadas e trocam, inclusive, as exigências – se antes era uma boa profissional, agora há de ser, primeiro, uma boa mãe.

“E durante esse tempo, suponho, o bebê também aprendeu muito a seu respeito, compartilhou suas refeições. Seu sangue fluía com maior rapidez quando você bebia uma boa xícara de café pela manhã ou quando você corria para pegar o ônibus. Até certo ponto, ele deve ter aprendido quando você estava ansiosa, ou agitada, ou zangada. Se você foi incansável ele acabou por habituar-se ao movimento, e poderá esperar que o balancem no joelho ou o embalem no berço. Se, por outro lado, você é do tipo calmo ele terá conhecido a paz e poderá esperar, nesse caso, um colo tranquilo e aconchegado, e uns passeios calmos em seu carrinho. De certo modo eu diria que ele lhe conhece melhor do que você a ele, até que ele nascer e até que você ouvir o choro dele e puder olhá-lo, e acolhê-lo em seus braços”.(Winnicott, 1971, pg. 21)

Mesmo que tão particular e próxima, não se restringe a essa mãe que gerou o papel de exercer a função materna depois que o bebê nasce. Tem-se uma tendência a querer localizar na mãe biológica o agente dessa função, embora o pai também possa assumir tal papel, bem como pais adotivos, tios, avós ou outros cuidadores. Winnicott (1999) salienta que o desenvolvimento da função materna – e também paterna – se inicia até antes do nascimento do bebê, pois o desejo no qual os pais inserem o filho indica um desenvolvimento dessa função. Hoje em dia, as configurações familiares modernas já não são mais restritas às que se tinham antigamente, então, tampouco se restringe a essa que gera o papel de desempenhar a função materna, a qual, nos primeiros anos do bebê, é importante para que esse estabeleça condições apropriadas para se desenvolver.

As referências que trabalhamos na área da psicologia, em sua maioria, conferem à mãe que dá a luz o papel da função materna, especialmente por terem sido escritas em uma época onde os padrões sociais se diferenciam dos de agora e por tratarem basicamente de famílias tradicionais compostas por um casal heterossexual e filhos. Embora muitos autores contemporâneos já estejam ampliando essa visão, ainda fazem parte dos nossos estudos os autores mais tradicionais e são eles, também, que dão suporte a esses novos estudiosos. Sendo assim, lançarei mão, na minha escrita, de usar o termo “mãe” para designar não somente aquela que dá a luz, mas sim a quem desempenha o papel da função materna para o bebê.

2. Um breve objetivo...

Tanta mudança, tanta troca e tantos desafios a partir da maternagem fizeram com que eu me interessasse por estudar um pouco mais a fundo sobre a relação mãe-bebê, mais especialmente sobre os primeiros meses até o primeiro ano de vida do bebê e a importância que assume a sua relação com a mãe. Tal relação, por sua vez, vai ao encontro do processo de subjetivação do bebê. Além de estudar a teoria especialmente de Donald Winnicott e Victor Guerra, vou me ater a fazer um estudo de caso a partir de um atendimento realizado no “Centro de Atendimento Pais-bebê” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que eu possa integrar teoria e prática e perceber como a psicoterapia pode ser eficaz em casos onde há falta ou pouca interação entre mãe e bebê.

O Centro, por sua vez, é um projeto de extensão da Universidade oferecido à comunidade, onde se realizam atendimentos em psicoterapia pais-bebê. Não há um número exato de atendimentos que devam ser realizados com os pacientes, mas em geral os tratamentos não são longos, durando de poucas semanas a alguns meses. As sessões são gravadas por câmera de vídeo (quando autorizadas pelos pais) e usadas, posteriormente, como material para supervisão e escrita de trabalhos como este.

Com o objetivo de pensar teoricamente sobre esta prática, depois de começar a participar das reuniões do Centro Pais-bebê, optei por trabalhar com dois autores que têm muitas contribuições sobre a relação mãe-bebê: Donald Winnicott e Victor Guerra. Winnicott, pediatra psicanalista inglês, se dedicou, especialmente, a falar da relação mãe-bebê e o quanto que esse vínculo é essencial para a formação da subjetividade. Victor Guerra, psicanalista uruguaio, trata do papel fundamental da intersubjetividade

na constituição do psiquismo do indivíduo e inclui nisso a disponibilidade psíquica da mãe, ou de outro cuidador que vá cumprir esse papel, para que o bebê se constituía subjetivamente. Para tanto, ele se baseou nas proposições de diversos psicanalistas, dentre eles Winnicott. Guerra faz uso de vídeos feitos com os pais e os bebês em suas casas a fim de exemplificar os principais marcos que indicam que o processo de subjetivação do bebê está se dando, sempre em relação com o adulto que o cuida.

3. Começamos por aqui...

A relação entre pais-bebê é, desde muito antes da interação física entre eles, uma relação de construção mental. Os pais criam uma figura imaginária de seu filho quanto a características físicas e psicológicas, quanto ao sexo, quanto à forma de como irão se relacionar e a essa figura depositam expectativas e sentimentos a serem confirmados após o nascimento do bebê (Piccinini, Ferrari, Levandowski, Lopes & Nardi, 2003). Apesar de essa construção imaginária ser comum aos futuros pais e mães, as expectativas em relação a cada filho são particulares, já que tudo isso se constrói a partir de desejos e fantasias dos pais, os quais são aspectos inconscientes. Piccinini, Ferrari, Levandowski, Lopes & Nardi (2003) afirmam que a representação do bebê imaginado é importante para o vínculo inicial entre a mãe e o bebê, sendo que é possível impulsioná-la, a partir disso, a libidinizar e investir afetivamente naquele corpo que se torna real no momento do nascimento. Antes do nascimento a mãe já pode se comunicar com o filho através da fala dirigida a ele e com o acariciar da barriga. Não será o foco nessa escrita, mas não se pode deixar de comentar que a figura do pai vem se remodelando com o passar dos anos e esse já é figura mais ativa no momento da gestação da mulher e depois do nascimento do bebê. Antes o pai tinha a responsabilidade de propiciar um ambiente tranquilo para que a mulher pudesse se dedicar exclusivamente para o recém-nascido. Agora, a comunicação pai-bebê também começa na gestação e se torna mais constante depois que o bebê nasce (Silva, Gonçalves, Guimaraes, Lopes & Piccinini, 2013).

Após o nascimento do bebê as formas de comunicar-se com o mesmo aumentam. O olhar, os gestos, o brincar e outras formas de comunicação não verbal ampliam o leque da interação, bem como a fala dirigida ao bebê ou entre a díade, que se institui a partir do momento em que a criança adquire a linguagem verbal. Victor Guerra (2014) fala sobre o conteúdo que provém da linguagem não verbal e que é tão

importante para a interação nos meses iniciais de vida do bebê: a prosódia, o ritmo, o tom de voz, o rosto e o olhar que serve como espelho, a imitação e a empatia. O mesmo autor, ainda, afirma que essa possibilidade de comunicação é a que embasa o conceito de “intersubjetividade”. O conceito de intersubjetividade é descrito por Víctor Guerra como “a experiência em compartilhar os estados emocionais com o outro, o conjunto de experiências que se co-constroem quando duas pessoas se encontram e, a capacidade de participar ‘na’ e ‘saber da’ experiência do outro” (2014, p. 214).

Pensar no bebê como coparticipante de seu processo de subjetivação é algo relativamente novo, pois desde o início da teoria psicanalítica foi pensado que o bebê dependia totalmente do outro para que sua subjetividade pudesse ser constituída. O bebê era apenas um “lactante”, por assim dizer. Guedeney & Lebovici (1999) ressaltam a importância das pesquisas para reforçar a ideia de que o bebê também participa do seu processo de subjetivação:

“a importância das pesquisas sobre o equipamento inato do bebê e sobre seu potencial de comunicação social foi considerável; ela logo fez do bebê um ser social, apagando a imagem social do bebê como um ser vegetativo, animal, caracterizado por finalidades puramente biológicas (a chupeta para acalmar a fome, por exemplo) e por uma ausência quase autista de qualquer intencionalidade social. O bebê foi considerado, desde então, como um parceiro social, sensível às mensagens provenientes do seu meio”. (Guedeney & Lebovici, 1999, pg. 92)

É a partir de considerar que o bebê está implicado no seu processo de subjetivação que se pensa o conceito de “intersubjetividade”. Este já foi caracterizado por vários autores de diferentes formas, tais como vínculo, relação, inter-relação, interdependência, etc. Aqui, com o enfoque em Winnicott, a noção de intersubjetividade será aquela que antecede a diferenciação entre eu e “não-eu”, onde o processo de subjetivação irá depender da qualidade da relação com o objeto primário. Gómez (2014) fala da possibilidade de, assim, poder refletir sobre a noção de intersubjetividade como troca e interação desde as primeiras relações entre a dupla mãe-bebê e através de uma comunicação não-verbal. Para que haja, por fim, a diferenciação entre eu e “não-eu” e para que o bebê perceba e se relacione com a realidade externa, existe a necessidade de que o ambiente se adapte às necessidades do recém-nascido, já que ele não tem, ainda, a capacidade de receber todas as informações que partem do ambiente e tampouco tem a habilidade de se comunicar através da palavra. Uma dessas formas, então, seria pela disposição empática da mãe para com seu bebê, a qual faria com que a mãe servisse de “ego auxiliar” para suprir as demandas do recém-nascido.

Ao falar em intersubjetividade não se pode deixar de considerar, também, o que se entende por “subjetivação”. Victor Guerra a caracteriza de duas formas: a primeira como a experiência de fazer algo ser subjetivo, dando sentido a essa experiência em relação a si mesmo e, a segunda, como um *self* construído a partir da “associação corporeamente, com a passagem de um sistema sensorial a um representacional, e a necessidade de ligar a pulsão e a sexualidade a outro objeto de desejo que também possa abri-lo a outro, a um terceiro” (Guerra, 2014, p. 215). Essas duas formas de pensar na subjetivação dizem respeito a um processo pelo qual o bebê construiria a sua própria perspectiva, de uma maneira singular e a seu ritmo, além de usar formas próprias de viver e expressar suas experiências. Essa capacidade de expressar suas experiências, primeiramente com recursos corporais e simbólicos, faz parte da lenta passagem da construção psíquica do bebê, que caminharia até a linguagem verbal e a metafórica.

4. Indicadores de intersubjetividade...

A interação dos primeiros meses de vida do bebê é de extrema importância para seu processo de subjetivação e, para isso, o outro desempenha um papel fundamental para as trocas que serão feitas a partir do nascimento. Victor Guerra (2014) discrimina em onze os indicadores de intersubjetividade em seu artigo intitulado “*Indicadores de intersubjetividade. 0-12 meses: do encontro de olhares ao prazer de brincar juntos*”¹, sendo esses divididos entre zero e doze meses de vida do bebê. Guerra, influenciado por autores como Winnicott, Anne Alvarez e Rene Roussillion, descreve tais indicadores a fim de nos orientar para aquilo que deve se esperar da relação mãe/pai-bebê a cada etapa do desenvolvimento do recém-nascido. É a partir daí que se pode perceber sinais de dificuldades na interação. Sinais de sofrimento psíquico podem ser observados, o que, se notados desde cedo, podem prevenir a consolidação de alguns diagnósticos, como o do autismo (Tavares, 2016).

Antes de descrever cada um dos indicadores, Guerra os nomeia de tal forma a já nos dar uma ideia do que irão delinear. São estes os onze: encontro de olhares no colo da mãe; protoconversa; imitação; jogo de cócegas e suspense - a dança das mãos; vocativos atencionais; deslocamento pelo espaço e olhar referencial; atenção conjunta; esconde-esconde; sintonia afetiva; interludicidade; e o de assinalamento

¹ O artigo em questão está escrito em espanhol e para fins da escrita desse trabalho, a tradução é minha.

protodeclarativo e narratividade conjunta. O primeiro indicador, denominado “encontro de olhares no colo da mãe”, compreende a faixa etária dos zero aos dois meses de idade e fala dos primeiros sinais de encontro afetivo entre mãe-bebê: os olhares que são trocados no momento em que a mãe amamenta seu filho. Ademais de toda a importância do aleitamento nos primeiros meses de vida do bebê por todas as potencialidades nutricionais do leite materno, também se destaca que, enquanto a mãe alimenta seu filho, acontecem trocas mútuas de gestos e olhares que são significativos para o processo de subjetivação do bebê. A observação dessas primeiras trocas entre a mãe e o bebê também serve para que se note a qualidade da interação visual, tendo em vista que o evitamento relacional pode ser indício de algum sintoma de patologia, como o autismo, por exemplo.

A “protoconversa”, que acontece aos dois meses de idade, marca a experiência pela qual o bebê começa a trocar balbúrcios com a mãe com o intuito de comunicar-se com ela, o que geralmente ocorre quando a mãe coloca seu filho cara a cara com ela. É após caracterizar essa experiência de comunicação como uma troca importante para a constituição da subjetividade que Victor Guerra aponta o “ritmo” como outro indicador de intersubjetividade. O ritmo é descrito como “a reiteração ou a repetição de uma experiência de forma cíclica, com certo grau de previsibilidade que inclui pequenas variações dentro de sua estrutura. Praticamente desde o início apreciamos a possibilidade de por em jogo uma ‘ritmicidade conjunta’ entre mãe-bebê”. Tal indicador, por sua vez, conta com a empatia da mãe para que ocorra e que essa esteja implicada a comunicar-se com seu bebê no mesmo compasso. O autor continua dizendo que nessa experiência a mãe poderia reconhecer muito além do tempo e do ritmo do seu bebê, como também entrar em consonância com ele. Dessa forma, mãe-bebê vão formando uma estrutura de encontro que, por sua vez, organiza o mundo sensorial e pulsional do bebê” (Guerra, 2014, p.224).

A experiência lúdica não configura um indicador separadamente, mas Victor Guerra aponta sua importância para a constituição da subjetividade, pois compartilhar as vivências afetivas através do corpo e da palavra são fundamentais para que, posteriormente, se constituam os processos de simbolização da criança. A brincadeira lúdica pode ser uma forma para a criança elaborar questões que lhe causem angústia, bem como para integrar experiências afetivas. Não só nos momentos iniciais de vida do bebê, mas também no decorrer de sua infância é importante que o lúdico faça parte da

interação entre a dupla, sendo que, mais adiante outros objetos poderão fazer parte dessa experiência e expandir ainda mais a capacidade de criação e simbolização do sujeito. Mais adiante, a “imitação” compreenderá mais um indicador de intersubjetividade, a qual Guerra descreve como a mãe deixar o bebê “alojar-se em seu próprio corpo, em um movimento de aproximação que logo dará lugar a uma introjeção da experiência e uma possível separação, já que a experiência é muito breve e logo a mãe dará lugar a seu bebê para que ele oriente sua atenção e seu desejo para outro objeto ou espaço” (2014, p. 226). O ato de imitar caminhar junto ao processo de subjetivação pelo fato de que o bebê copiar algum gesto ou cena seria uma forma de incorporar o outro, favorecendo a construção do verdadeiro *self* e a regulação dos afetos do bebê:

“nascemos com uma emocionante capacidade de troca, ajuste e compartilhamento. Ao chamarmos essa capacidade de imitação neonatal estamos salientando apenas um de seus aspectos e, possivelmente, ofuscando seu sentido mais fundamental, que é o do próprio compartilhamento: estar junto, sentir-se como, conjugar a atenção, colocar-se no mesmo contexto psicológico” (Bussab, Pedrosa & Carvalho, 2007, pg.106).

Um dos indicadores observados entre a faixa etária dos quatro e cinco meses do bebê diz respeito ao jogo de mãos e Victor Guerra (2014) o nomeia sensivelmente como “jogo de cócegas e suspense; a dança das mãos”. Conforme se aproxima dessa faixa etária, o bebê adquire maior segurança no uso de suas mãos, conseguindo segurar objetos com maior facilidade, por exemplo. As mãos passam a serem instrumentos para que o bebê possa explorar e ter contato com o que está a sua volta. Sendo assim, a mãe também pode usar suas mãos como instrumentos de exploração e jogos com seu bebê. O jogo de suspense que dá nome ao indicador de intersubjetividade é caracterizado pelo autor a partir da brincadeira que a mãe faz com o bebê de cantar uma música em que a letra reproduz a alternância de fazer aparecer e desaparecer a mão. Esse jogo feito com as mãos da mãe envolve não somente a mão como novo instrumento de interação, mas também possibilita a comunicação entre a díade através do tom de voz, ritmo e movimentos que podem feitos a partir da brincadeira, isso, por sua vez, convida o bebê a viver uma “experiência de integração do seu mundo sensorial” (Guerra, 2014, p. 229). Além disso, a brincadeira auxilia o bebê a elaborar a ausência do objeto, já que ele tem a experiência de ver aparecer e desaparecer a mão, percebendo que mesmo estando juntos podem separar-se, assim como acontece na sua relação com a mãe e com o pai.

Ainda em relação a esse último indicador, Victor Guerra assinala que o brincar de cócegas com o bebê é importante tendo em vista que é fundamental para seu aparelho psíquico processar os diferentes estímulos que lhes são apresentados e suas variações de intensidade, bem como preparar-se para o surgimento do inesperado. As cócegas, então, viriam ao encontro da prática de apresentar para o bebê o inesperado, fazendo com que se tornasse mais tolerante a isso.

Os “vocativos atencionais” são indicadores de intersubjetividade pelo fato de que a atenção é uma atividade fundamental para o aparato psíquico. Na relação mãe-bebê, a mãe pode, por captar a atenção do filho, “estabelecer uma forma de continuidade em sua atividade, e também permitir abrir os desejos do bebê até outros objetos que não seja ela mesma” (Guerra, 2014, p. 231). Até aqui, todos os indicadores citados anteriormente eram observados na relação da mãe ou cuidador com seu bebê em seu colo, ou com o bebê deitado, já que até o sexto mês o bebê ainda não alcançou, geralmente, um marco do desenvolvimento muito esperado pelos pais: o de conseguir sentar-se. É, normalmente, a partir daí que se observa uma “mudança notável em sua posição em relação ao mundo” (Guerra, 2014, p. 232), pois nesse momento se modifica, inclusive, sua alimentação. Alguns alimentos mais sólidos são inseridos à dieta do bebê, bem como a colher que entra como um objeto de auxílio para sua alimentação.

O sexto indicador de intersubjetividade (deslocamento pelo espaço e olhar referencial) diz respeito, então, à interação que ocorre entre a díade a partir do momento em que o bebê já consegue sentar-se e engatinhar (de seis a oito meses de idade). Tendo essa habilidade, o bebê pode se mover pelo espaço indo em busca do outro e de outros objetos que sejam de seu interesse. A troca, nesse momento, se dá com a mãe ou cuidador através de estímulos e de dar assistência com o olhar para onde o bebê está se movendo. Dessa forma o bebê adquire mais confiança em si mesmo e no vínculo entre ele e seu cuidador. Guerra usa o termo “olhar referencial” para o movimento que o bebê faz de olhar para seu cuidador quando faz alguma mudança em sua postura corporal, buscando indagar a resposta afetiva do cuidador ao que está para acontecer. O autor caracteriza essa forma de comunicação também como sendo parte das funções de espelho do rosto do adulto que cuida do bebê, sendo um indicador de grau de confiabilidade no outro. A respeito disso aponta, também, que, se há distorções no vínculo entre a díade, o bebê não costuma buscar o olhar de aprovação do outro para o que virá de novo, ou seja, são bebês com atitudes mais impulsivas e imprudentes.

Observa-se no desenvolvimento dos bebês que, quando se aproximam do oitavo mês de idade, eles tentam de alguma forma captar a atenção dos pais, seja direcionando o olhar a um objeto comum, ou para tentar conseguir um objeto que deseja. Essa forma de interação caracteriza outro indicador de intersubjetividade, o de “atenção conjunta”. Quando adquire essa capacidade, o universo do bebê se amplia, pois o interesse não está mais somente em seu próprio corpo, tampouco apenas no corpo da mãe. Entretanto, isso não depende somente do desenvolvimento do bebê, mas também é determinada, em parte, “pela característica afetiva que o entorno adulto lhe disponibilize” (Guerra, 2014, p. 414). Por consequência disso, pode-se falar em uma atenção conjunta operatória e outra transicional, sendo a operatória aquela em que a mãe somente responde ao que seu bebê está requisitando, mas sem intervir nisso de forma lúdica ou criando uma narrativa (a qual possibilitaria a criação de uma pequena história em torno do objeto). Em contrapartida, na atenção conjunta transicional, a mãe possibilitaria que um momento lúdico surgisse a partir do objeto cobiçado pelo seu filho, dando a esse cores, conteúdos, ritmo e som, o que permitiria uma “abertura até o espaço intersubjetivo” (Guerra, 2014, p. 415).

Já por volta do oitavo mês o jogo de presença-ausência pode ser feito através das brincadeiras de “esconde-esconde” (assim mesmo denominado por Victor Guerra como o oitavo indicador de intersubjetividade) com o bebê. O bebê faz uma brincadeira lúdica com aquilo que o faz temer, que seria a ausência de sua mãe, entretanto esse jogo não é importante somente como uma alternativa para elaborar a ausência, mas também como um jogo de enigma e um jogo de espera pelo reencontro, que geraria no bebê uma explosão de emoções e lhe mostraria que é possível “superar a angústia porque no final da história se encontra um objeto cheio de desejo” (Guerra, 2014, p. 421).

Até aqui já se percebe que se ampliou muito o leque de formas de se comunicar com o bebê depois de seu nascimento e a complexidade aumenta conforme o bebê vai atingindo alguns dos marcos do desenvolvimento. O que Victor Guerra descreve como “sintonia afetiva” entre a díade mãe-bebê acontece em uma experiência de mutualidade, onde o bebê já consegue compartilhar com a sua mãe um estado afetivo que parte dele próprio a partir de uma vocalização ou de um gesto que projeta depois de explorar um objeto de seu interesse, por exemplo. A mutualidade acontece quando a mãe está conectada com seu filho e consegue dar continuidade a essa busca de interesse do bebê pela mãe, esboçando outra ação que prolongue a interação entre ambos com o objeto.

Dessa forma o bebê consegue perceber, progressivamente, que aquilo que sente se pode expressar por diferentes vias (ponto fundamental na construção dos processos de simbolização do indivíduo), inclusive o da linguagem verbal.

O bebê adquiriu, a partir disso, uma nova forma de experiência com o jogo, agora ele tem a capacidade de “alternar claramente entre a atenção da mãe e uma atenção aos objetos, os objetos são incluídos nas interações sociais como objetos a serem compartilhados com o outro” (Guerra, 2014, p. 422). Sendo assim, se pode considerar que a relação passou a ser triádica e não mais somente entre a díade, e é a partir daí que Guerra descreve um novo indicador, o de “Interludicidade”. Esse indicador envolve relações mais complexas também, pois o bebê já tem a capacidade de compartilhar os objetos de seu interesse com o meio social e não somente com a mãe e, ainda, pode reconhecer o desejo do outro em prosseguir uma brincadeira.

Um dos aspectos da nova experiência com o brincar é que o prazer da interação se dá quase sem o contato físico entre mãe e bebê, mas, sobretudo, com a palavra e o brincar com um objeto. O jogar com o outro é o que contribui para o processo de subjetivação, pois significa um suporte afetivo ao bebê. Para isso, quem está compartilhando a cena lúdica com o bebê deve estar disponível a variar o tom de voz, a construir uma narrativa e dar vida ao objeto em jogo. O “exagerar” no tom de voz e nas expressões faciais fazem parte do jogo lúdico nesse momento, pois, dessa forma, demonstra ao bebê o jogo como um “faz-de-conta”, escapando do mundo real e mudando o cenário para um plano especialmente mental – e não corporal – o que é base para o processo de simbolização.

Por fim, o último indicador (assinalamento protodeclarativo e narratividade conjunta) descrito por Victor Guerra conta com outro importante marco do desenvolvimento do bebê: o início do caminhar. Além de toda mudança de postura corporal – já que agora consegue firmar suas pernas e movê-las e apoiar-se em uma postura ereta – o bebê pode comunicar-se, também, através do sinal de apontar com o dedo indicador. Esse ato poderia admitir dois sentidos: quando aponta a um objeto com o objetivo de obtê-lo e, outro, para chamar a atenção de outra pessoa, a fim de que essa outra pessoa compartilhe com ele o mesmo interesse. A partir dessas ações, o bebê possibilita a criação de uma narrativa juntamente com a mãe, expressada através dos balbucios e dos gestos que fazem parte da sua maneira de comunicar-se. Com isso o

bebê dá novos significados para as experiências de separação, de descobrimento do mundo e dos outros.

Nesse momento, mãe e bebê podem se introduzir em outro espaço – o do objeto – com o objetivo de interagirem e criarem juntos uma narrativa. Por exemplo, quando se usa um livro com figuras ilustrativas: o bebê aponta para os desenhos e a mãe consegue nominar a experiência, fazendo com que o desenho adquira nome, cores, sons e histórias, recebendo, do bebê a resposta, o reconhecimento, a imitação e expressão. Essa experiência, já mais complexa, implica “uma forma de passagem para o ‘terceiro’, dada a separação corporal, a atenção conjunta e a presença de um objeto terceiro entre ambos” (Guerra, 2014, p. 432). Daí em diante o bebê pode seguir fazendo sua própria narrativa, dependendo, por vezes, da disponibilidade psíquica do outro. Dessa forma o aparato psíquico do bebê continua trabalhando para que tolere a ausência do objeto e possa estar consigo mesmo, descobrindo, assim, que há na atividade de brincar, um prazer, que pode ser pensado e criado com os outros.

Victor Guerra descreve todos esses indicadores de forma muito sensível e de fácil compreensão, dando-nos exemplos de como todas essas formas de interação entre a díade possam ocorrer para que, pouco a pouco, o bebê vá se constituindo subjetivamente e dando significado à sua existência. Obviamente que, por falar de intersubjetividade, o autor agrega a essas vivências com o bebê a figura da mãe, que também pode ser substituída por outro cuidador, desde que esse tenha a possibilidade e a empatia para que possa ser compartilhada com o lactante a sua subjetividade já formada.

5. Observando a prática...

Estudar e entender a teoria são de suma importância para que se possa ver e intervir na prática. Victor Guerra exemplificou os marcadores descritos anteriormente a partir do cotidiano de bebês com suas mães, que, por sua vez, mantinham uma interação saudável e, os bebês, um desenvolvimento típico, que vinham alcançando marcos do desenvolvimento esperados para suas faixas etárias. Na prática clínica, entretanto, em situações de psicoterapia, se deve ter a teoria como base para que se possa trabalhar em atendimentos pais-bebê cuja interação apresente dificuldades, as quais podem apontar para o sofrimento psíquico do bebê, da mãe e/ou do pai. No Centro de Atendimento Pais-bebê da UFRGS a dupla ou o trio (é mais comum que chegue a dupla mãe-bebê)

chega com alguma outra queixa, mas não a de dificuldade de interação entre a díade. Isso, por sua vez, costuma ser observado pelas terapeutas depois que os atendimentos já estão em andamento.

Para a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, comecei a participar como ouvinte das reuniões do Centro Pais-bebê que tem como uma das coordenadoras, Milena da Rosa, a qual também me orientou para a escrita deste trabalho. Quando coloquei para o grupo a questão sobre qual caso seria interessante para relatar ligando a prática à teoria, a resposta foi praticamente unânime: o caso da dupla Neusa² e Pietro³. Apesar de desconhecer a história e o porquê de um caso sensibilizar e angustiar a todas, resolvi aceitar a sugestão e ir mais a fundo na história da díade, observando os vídeos de cada sessão realizada com a mãe e o bebê. Foi a partir das observações que pude compartilhar dos mesmos sentimentos que já haviam sido suscitados antes em todas as colegas de grupo e, assim, não me restaram dúvidas de que seria essa a dupla que sim, precisava de muito olhar e cuidado, que encheria meu trabalho de ritmo, tom, cores, de história. Começa assim:

Neusa de 37 anos buscou atendimento no Centro Pais-bebê no mês de Abril de 2017. Sua queixa principal, como relatou na primeira sessão de atendimento, era de uma dificuldade em saber lidar com a nova configuração familiar. Neusa é mãe de Beatriz⁴ de quatorze anos e de Pietro que iniciou os atendimentos no mês de Abril próximo a completar três meses de idade. Os filhos são de pais diferentes. A primeira filha de Neusa não foi planejada por ela e pelo seu “companheiro” – assim como ela o chama, do qual se separou quando a menina tinha seis meses de idade. Neusa, depois de concluir a graduação, decidiu fazer mestrado na cidade de Porto Alegre (cidade diferente da de seu ex-companheiro) e sua filha, por vontade própria, também como aponta a mãe, optou por permanecer morando com seu pai. A mãe relata que a menina decidiu voltar a viver com a mãe e seu padrasto Jonas⁵ no ano passado, e isso aconteceu antes do irmão nascer.

² Utilizo “Neusa” para nomear a paciente “mãe” a fim de respeitar a confidencialidade do caso. “Neusa” não foi uma escolha à toa, é um nome que traz significados como “nadadora”, “a que está nadando”.

³ Utilizo o nome “Pietro” o qual carrega significado como “pedra”, “rochedo” ou “firme” para referir ao paciente “bebê” a fim de respeitar a confidencialidade do caso.

⁴ Utilizo o nome Beatriz (que pode significar “viajante” ou “peregrina”) para referir à filha de Neusa, também para manter a confidencialidade do caso.

⁵ O nome “Jonas”(significa “pombo”) é usado para referir ao “pai” de Pietro, com fins de manter a confidencialidade.

Com relação à principal queixa, Neusa conta que não consegue se organizar em relação à nova conjuntura de sua família: a volta da filha para viver com ela junto ao nascimento de Pietro. Ela relata que é a filha quem parece estar “desencadeando o descompasso de dentro de casa” e que em muitos momentos trata com descaso o irmão, usando palavras agressivas em relação a ele. Apesar desse apontamento, a mãe diz que não é da filha a culpa por não estar conseguindo dar conta dos problemas a que se refere (discussões dentro de casa, bagunça e estresse). Em relação a Pietro, a mãe conta que era um desejo do casal ter filhos, mas também não houve um planejamento para a chegada do bebê. Jonas havia saído de um relacionamento depois que sua companheira adotou uma menina, a qual ele não registrou como filha e com quem não manteve contato depois do término do namoro. Neusa refere que o companheiro não sonhava em ser pai e, quando questionada a respeito de quando ela achava que havia surgido esse desejo, ela responde que pensa ter sido depois da adoção da menina, tendo percebido que “poderia ser bom ser pai”.

Com relação à sua história, Neusa conta que sua mãe sempre foi bastante nervosa e que não tinha paciência com as filhas: “ela brigava com a gente, passava chinelada e tudo. Minha mãe era braba. E também vivia com essa dificuldade de ter três filhas”. Por conta disso, Neusa diz que tenta manter uma relação diferente com seus filhos: “o registro de maternidade que eu tenho da minha mãe em muitos momentos foi muito bom, de cuidados, principalmente nessa primeira infância, isso era uma coisa ótima. Mas depois eu tento sempre fazer o contrário do que ela fez. Procuo sempre acolher mais a Beatriz, ouvir”. Algo curioso que foi notado desde o primeiro atendimento com a dupla, foi estranha a forma como a mãe “segurava” seu filho: ela o colocava de bruços deitado sobre suas pernas, bem próximo aos joelhos, dando sempre a impressão de que a qualquer momento Pietro poderia cair no chão. Nesses momentos em que permanecia deitado, a mãe somente acariciava sua cabeça, fazendo pouca menção de troca de olhares ou de outras formas de interação com o filho. Pietro, por sua vez, dificilmente expressava algum incômodo com a maneira com que a mãe o posicionava, quando o fazia era chorando, fazendo com que logo Neusa o trocasse de posição ou lhe oferecesse o peito. Ainda que fizesse isso para acalmar o filho, logo depois o voltava para a mesma posição.

Neusa é questionada pela terapeuta, em certo momento, se ela brinca com seu filho. Ela relata que gosta muito de contar histórias para ele e termina por aí o seu relato

sobre as brincadeiras com Pietro, passando a impressão de que os momentos lúdicos com ele eram quase que inexistentes – o que se repetia durante os minutos de sessão também. Logo em seguida a essa fala, Neusa conta que havia momentos logo depois da chegada do filho em que ela se sentia muito triste e frustrada, o que a deixava impedida de brincar ou interagir com seu filho. Ainda hoje em dia, quando se sente muito estressada ou incapaz de dar conta das demandas de casa, ela conta que se “desliga” de Pietro e que esse parece entender o momento da mãe, pois nessas horas ele também não solicita muito a sua presença. Neusa, inclusive, relata que há dias em que o filho parece querer se “desvincular” da presença da mãe, a qual acha isso “ótimo”, já que, para ela, isso é uma forma de o filho demonstrar que ele se sente seguro sem o contato físico dela, tendo em vista que ele sabe que ela está “ali”.

Neusa sempre chegava com Pietro no *sling* para os atendimentos no Centro e deitava seu filho nas pernas para prosseguir a sessão. Depois de alguns encontros as terapeutas sugeriram que a mãe colocasse o bebê em um tatame no chão para que se pudesse observar como seria a reação de Pietro e como seria a interação da dupla nesse momento. Na primeira vez em que isso ocorreu, ele permaneceu deitado todo o tempo, demonstrando ainda não ter adquirido tónus para manter-se sentado. Ao mesmo tempo, eram poucos os movimentos que fazia com as pernas, os braços e a cabeça, dando a impressão de ser um bebê sem vida ali deitado. Passaram-se vários atendimentos até que Pietro conseguisse ficar sentado e manejar alguns brinquedos que estavam ali dispostos para ele. A mãe, por sua vez, apresentava algum objeto para o filho, mas dirigia poucas vezes o olhar para ele, não sugerindo, sequer, alguma narrativa a respeito daquele brinquedo que também seguia sem vida.

Até por volta do quarto atendimento feito com a dupla, não se notava interação entre Neusa e Pietro. O que acontecia na sessão era algo mecânico, já programado: o bebê chorava e ela o amamentava, logo em seguida já o posicionava da mesma forma estranha de deitá-lo de bruços sobre o seu joelho. Quando dirigia a fala para o filho, Neusa mantinha as mesmas expressões faciais e o mesmo tom de voz. Foi a partir do momento em que as terapeutas sugeriram que Pietro saísse do colo de Neusa e fosse para o chão, que algumas sutis trocas puderam ser observadas. Pietro já estava com mais de quatro meses quando isso aconteceu, momento em que já se esperava Pietro produzisse sons e Neusa respondesse a ele a fim de dar continuidade à comunicação, por exemplo, como na “protoconversa” descrita por Guerra. Entretanto, Pietro se

mantinha na maior parte do tempo observando com o olhar e quieto, enquanto que sua mãe falava de suas questões para as terapeutas. Neusa demonstrava usar o espaço somente para ela.

Um discurso que foi muito recorrente nos atendimentos com a dupla, foi o de Neusa não conseguir mais ter um sono contínuo à noite. Ela refere que isso acontece há anos: “estou há quinze anos sem dormir, a Beatriz ainda era bebê e eu dormia pouco nessa época, depois quando comecei a faculdade daí sim já não dormia mais. Me acostumei a dormir pouco”. Ela relata que nesses momentos fica muito ansiosa, pensando no que poderia ter feito e não fez durante o dia. Sobre o filho, há sessões em que Neusa relata que ele dormiu a noite inteira, outras vezes que ele acordou para mamar. Sobre essa questão, a impressão que fica é de que a mãe tem certo “cansaço” (ou é até negligente) para atender as demandas do filho, pois fala de modo repetitivo que nos momentos em que Pietro acorda, ela é a única quem pode atendê-lo: “a Beatriz tem o sono muito pesado, ela não acorda” ou, “têm noites que eu gostaria de não levantar”. Não somente nos períodos da noite, mas Neusa insistia que gostaria de ter mais ajuda do marido ou da outra filha para atender as necessidades do bebê. Há certos momentos do dia em que ela refere que deixa o filho chorar até que termine o que esta fazendo: “ele tá chorando no berço e eu digo pra ele ficar lá um pouco enquanto eu termino de escovar meus dentes, ou enquanto termino de fazer alguma outra coisa que já tava fazendo” ou quando Pietro chora no colo do pai: “o Pietro chora e o Jonas cansa. Eu fico super descontrolada e muitas vezes continuo fazendo o que eu estava fazendo e o Pietro chora olhando para mim”. Em contrapartida, com o decorrer dos atendimentos, Neusa também relatou que o companheiro brinca com o filho e fazem muitas coisas juntos: “impressionante como o Jonas faz coisas com ele. Acho que antes eu fazia, mas agora trabalhando tenho menos tempo com ele (...). Ele fica com o Pietro brincando, era o que eu deveria fazer, mas não faço”. Sobre o retorno para trabalhar, Neusa diz ter sido tranquilo para ela: “eu não pensava que queria estar com o Pietro. Eu queria trabalhar, estava precisando”.

Na mesma sessão, Neusa traz o relato de sentimentos de tristeza e raiva que, por vezes, lhe surgem: “tem dias que bate tristeza, quase um quadro depressivo, eu fico sem vontade de fazer nada”. Na última vez que isso lhe acontecera foi um dia antes de irem à casa do pai de Jonas. Ela associou ter que ir lá a algo que lhe causasse estresse: “eu fiquei pensando ‘será que eu não queria ir lá domingo?’, mas depois pensei ‘acho que

não mereço passar outro final de semana triste’. Eu vou fazendo umas organizações internas para não chegar nesse quadro tão triste. Depois que entra é muito difícil de sair, então eu não queria curtir esse momento, porque depois é difícil de sair”.

Em dado atendimento ela chega sozinha, sem a companhia de Pietro, pois havia ido fazer as unhas em um salão e o filho havia ficado em casa com o pai: “o Jonas tá tenso, mais ansioso, porque ele não sabe se vai dar conta do que o Pietro vai precisar sem ele dizer o que precisa. E eu digo, poxa, mas eu faço isso sempre. Digo pra ele, você quis ter filho (...). Eu não quero que ele se dê mal, não é isso”. Neusa relata que Jonas já tomou remédio para depressão por determinado tempo. A terapeuta comenta sobre o desejo do companheiro de Neusa de ter um espaço para ele falar das suas questões, também, mas Neusa diz que ele está resistente a isso: “em um primeiro momento ele gostou da ideia de vir, eu disse pra ele ‘vou nas meninas e tô conseguindo colocar pra fora, vamos junto’, mas ele não quis vir junto, não queria falar”.

Tanto quando comparece sozinha, quanto nas sessões que foi acompanhada de Pietro, Neusa mantém a mesma prosódia, a mesma entonação no seu discurso, bem como seu semblante que é o mesmo: ela fala, normalmente, sorrindo. Guerra fala na descrição dos indicadores sobre ser normal o exagero na fala e nas expressões faciais, pois isso faz parte de uma demonstração de “faz-de-conta” para o bebê. Além disso, o rosto como espelho também deveria refletir aquilo que a mãe vê no bebê, mas Neusa é constante na sua fala com as terapeutas e com seu filho. Quando ela dirige a palavra ao filho, ele se mantém atento e interessado no que a mãe lhe apresenta: lhe devolve sorrisos e produz sons. Houve dois momentos em que Neusa apresentou-se um pouco diferente no modo de se expor e esses foram nas duas sessões em que fala sobre o desejo de interromper a psicoterapia.

Na sessão em que Neusa fala sobre o desejo de interromper a psicoterapia, ela demonstra estar bastante irritada com todas as situações do seu dia a dia e concorda quando a terapeuta diz que o que ela pode estar sentindo é um “esgotamento”: “desde o nascimento da Beatriz já se passaram quinze anos, já mudou bastante. Eu não consigo fazer coisas desde de manhã até de noite. Tem dias que o Pietro vai dormir e eu só como, mentira, eu queria só comer e dormir, mas tem roupas para lavar, roupas nossas para guardar, tem coisas para guardar”. Pietro neste dia está bastante inquieto e choroso e a mãe justifica ser pela dificuldade que o filho está tendo para fazer cocô ou pelo

nascimento dos dentes: “ele fica irritado, faz força e não sai nada. Ou pode ser pelos dentes também, a gengiva já tá inchada”. Ele faz uma expressão e um som de quem está fazendo força e ela aponta: “é assim que ele faz, mas às vezes ele fica um tempão. É um caos”. Depois, é falado sobre o desejo de interromper a psicoterapia: “eu gosto, eu faço várias terapias falando com vocês sozinha na minha cabeça. Mas eu não tô dando conta”. A terapeuta comenta que Neusa pode estar se privando de momentos que podem ser dela e sobre estar desistindo de coisas que poderiam resgatá-la, mas ela se justifica dizendo que “não encontrou outra forma (...). É muito bom vir aqui, mais para mim do que para o Pietro”. Aproveitando isso, a terapeuta comenta que Neusa possa estar precisando de um lugar somente dela: “gurias, não! Quando que um lugar é só meu?”. Pietro continua inquieto, a mãe o posiciona de frente para ela e diz: “quer mamar? Não dá para sair correndo pela sala. Estamos conversando com as meninas”. A terapeuta interpreta, se dirigindo a Pietro, que ele já percebeu o quanto a mãe está cansada. Ela exclama: “eita, que me cansa. (lhe dá um beijo) Te adoro”. A terapeuta prossegue, enquanto a mãe amamenta, que Neusa havia usado a sessão do dia com o intuito de dizer que queria dar um tempo com a psicoterapia. Ela diz que está sem forças para expressar e reforça que a terapia é boa para ela.

Até então, Pietro não havia começado a engatinhar. Quando chega esse momento, o bebê apresenta interesse em explorar mais o espaço, querendo pegar outros objetos que estão ao seu redor. Mesmo ainda não tendo alcançado esse marco do desenvolvimento, Pietro explora pouco os brinquedos que estão na sala de atendimento. Ele fica sentado no tatame e quando pega algum brinquedo o explora com a boca, não havendo também a iniciativa de oferece-los à mãe ou a alguma terapeuta. Neusa, por sua vez, não torna os brinquedos interessantes para que o filho tenha curiosidade em pegá-los, não cria narrativas a partir deles, atitude que seria fundamental para que Pietro continuasse interessado pelo espaço a sua volta.

Após essa sessão, onde houve um desejo de interromper a psicoterapia, foram realizados mais quatro encontros com a dupla. Na sessão posterior, Neusa relata uma preocupação com o desenvolvimento de Pietro, o qual ela considera que está um pouco atrasado em relação a outros bebês, pois ele ainda não consegue se firmar e não pega os brinquedos sozinho, afirmando que ele é “preguiçoso” para isso, pois sempre deixam os brinquedos de forma a ele conseguir alcançar sozinho. No momento em que fazia esse relato, Pietro estava deitado no chão com a barriga para cima e com os brinquedos

dispostos ao seu lado, entretanto a mãe não faz nenhum movimento que auxilie o filho a se virar ou sentar-se para pegar os objetos. Pietro reclama por estar deitado no chão e a mãe, depois de algum tempo, o pega no colo. Neusa fala que Jonas diz que não quer ser o pai de Beatriz nesse momento: “ok, mas a gente mora juntos, a gente é uma família. por enquanto tem duas famílias aqui. Eu convivo com ela, resolvo as coisas com ela (nesse momento, Pietro vomita). E realmente, a relação de padrasto nunca tem uma relação de pai com filho (...). A Beatriz é meio escanteada”. Neusa segue falando de quais foram as atividades da família em suas férias.

Posterior a isso, Neusa chega em uma próxima sessão aparentemente mais disposta. A terapeuta aproveita para trazer novamente a questão do desejo de Neusa de abandonar a psicoterapia, dizendo que percebeu que ela parecia estar brava com as terapeutas no dia em que expôs tal vontade e que seria importante ela ter um espaço para poder trazer questões pessoais e de sentimentos dela. Neusa, então, diz que se sentiu incompreendida: “eu acho que não fiquei brava, fiquei surpresa, porque naquele momento me senti incompreendida. Eu achei que vocês pudessem ouvir e entender aquela situação, pensei ‘acho que elas não entenderam a situação’ (...). Não entenderam a situação real (...). É claro que durante um tempo faltava a lucidez da compreensão daquilo que acontecia. Eu não entendia o que estava acontecendo. Quando eu cheguei aqui eu estava sem entender”. A terapeuta complementa que, por vezes, faz falta nomear e colocar em palavras os sentimentos que nos ocorrem. Pietro observa atento, sentado no tatame um pouco à frente de Neusa, a mãe falando com as terapeutas. “Vir aqui foi e continua sendo muito bom, só que é mais uma coisa nessa rotina (...). A minha necessidade é que alguém fique com o Pietro pra eu poder ficar um turno sozinha (...). Não é que eu não goste de ficar com ele (o toca com as mãos e dirige essa fala ao filho), mas ele requer bastante de mim (...). Eu acho que meu problema agora é muito mais prático do que emocional”. Apesar da terapeuta ressaltar a importância de Neusa ter um espaço de psicoterapia, ela reluta em querer continuar indo aos atendimentos, justificando sempre que não acha ser emocional o seu problema.

Observei nove sessões dos atendimentos com a dupla. Me perguntava, até então, o que mais eu poderia descrever sobre a interação da dupla que escolhi para estudo de caso do meu trabalho. Me faltavam, então, imagens que representasse esse momento. Neusa usava as sessões como um momento seu, mesmo que levasse o filho junto consigo. Pietro parecia respeitar no início, até que começou a “se mostrar” mais no

decorrer dos atendimentos, pois começou a reclamar quando estava descontente e até produzia sons que pareciam “gritos”, aparentando também querer ser escutado em certos momentos. As trocas no momento da amamentação, a protoconversaço, a imitaço, a atença compartilhada, o jogo de esconde-esconde, de suspense, a interludicidade, não podiam ser relacionados a momentos de interaço entre a dupla, visto que eram tão sutis e breves que me incapacitavam de descrevê-los mais detalhadamente. Eu não quis abdicar do caso, mesmo que tivesse que fugir daquilo que eu havia me proposto antes mesmo de começar a escrita: exemplificar os indicadores de intersubjetividade com o caso de uma dupla mãe-bebê.

No último atendimento com a dupla, que aconteceu depois de três semanas da penúltima sessão e ainda enquanto eu produzia minha presente escrita, Neusa leva um presente para as terapeutas como agradecimento pelo tempo de psicoterapia. Depois da terapeuta questionar como haviam sido os últimos dias, Neusa fala de Beatriz, que está em recuperação no colégio. Pietro já consegue se firmar em pé e recorre bastante à mãe durante a sessão e explora alguns brinquedos. O bebê oferece a sacola em que estava o presente para as terapeutas para a mãe e ela interage dizendo que podem colocar alguma coisa dentro daquela sacola. Ela procura um brinquedo dele dentro de sua bolsa e o coloca na sacola. Pietro recusa, mas a mãe volta sua atença para aquilo: “o que será que tem aqui dentro?”. Questionada sobre o sono do filho, ela relata: “ele dorme a noite toda, muito difícil de acordar. Só acorda se a gente entra no quarto e fala alguma coisa. Ele precisa ter o espaço dele (...). Ele vai dormir no mesmo quarto de Beatriz”. A terapeuta sugere que aproveitem o último encontro para fazerem uma retrospectiva do processo de psicoterapia: “ah, gurias, eu fiz, pensei várias coisas na minha cabeça. Minha cabeça não tira férias. Foi super importante, eu vejo hoje que as coisas deram certo. Claro, super cansados, mas existe uma demanda da vida e todo mundo tem essa demanda. Mas só deu certo porque a gente veio aqui”. A terapeuta relembra a maneira como a dupla chegou para atendimento e Neusa concorda: “eu tinha essa percepção também, eu não conseguia entender ele, mas depois foi. A gente tem várias conversas, né, filho?! (...). Ele já vivia com o pai dele, mas acho que quando ele fez essa transição ele se apegou mais ainda ao pai. Ele percebeu ‘poxa, tem mais um adulto pra mim’”. Essa última frase é dita quando a terapeuta comenta que, agora, o bebê já percebe que não é mais uma extensão da mãe e que existem outras pessoas no seu convívio. Neusa também diz que Pietro está “conversador” e que ela explica para ele o que vai acontecer

quando ela sai para trabalhar: “eu digo, ‘olha, vou trabalhar, depois eu volto’, poucas vezes ele ficou angustiado”. Pietro segue pegando alguns brinquedos e por vezes os segura voltando o olhar para as terapeutas e para a mãe. Neusa fala, inclusive, do desejo de por o filho em uma creche e que estão esperando uma vaga.

Por fim, Neusa diz: “a gente tava com muita vontade de vir, já fazia mais de mês. Eu pensei ‘eu vou lá, se elas não puderem mais me atender eu vou escrever pra elas, eu ia deixar algo escrito. Como a gente não tava mais vindo, de repente vocês não teriam mais o horário. Gurias, foi muito importante. Ano que vem se o Pietro for para a escola, eu não vou arranjar outro trabalho, eu acho que vou fazer outras coisas para mim também”. Pietro estava mamando e começa a chorar no momento em que a mãe faz o movimento para tirá-lo dali para irem embora a terapeuta sensivelmente interpreta que achou significativo o momento em que Pietro chora e fica bravo, como se relembresse o início do processo terapêutico e depois volta a mamar, olha para a mãe e se acalma. Como se ele também fizesse uma retrospectiva de todos os meses de psicoterapia.

Foi depois da última sessão que percebi a possibilidade do reencontro da dupla. Neusa fala da dupla propriamente. Neusa levava dois brinquedos de Pietro para as sessões de atendimento, ambos tinham a função de chocalho. Pietro os recebia da mãe geralmente da mesma forma, ela apenas os chacoalhava em sua frente. No último atendimento é que chama a atenção o fato de Neusa ter escondido um objeto dentro de uma sacola e faz um jogo de suspense com aquilo, perguntando ao filho onde está o brinquedo e o instigando a procurar. Pietro havia começado a engatinhar e, assim, explora mais o espaço da sala de atendimento. Ele tenta, inclusive, “tombar” a caixa de brinquedos para tirar todos lá de dentro, algo que até então não havia demonstrado interesse em fazer. Neusa também o apresentava mais objetos e o filho alternava o olhar para o objeto e para os olhos da mãe: exemplo típico de “atenção conjunta”, citado por Guerra nos seus indicadores. O indicador “vocativos atencionais” também pode ser observado nesse último atendimento, já que a mãe percebe a atenção do filho para alguns determinados objetos, como um carrinho e pecinhas de madeira que estavam dentro de um saco plástico. É essa disposição lúdica de Neusa que propiciará a entrada de um terceiro na relação dela com seu bebê, algo tão fundamental para a constituição da subjetividade de Pietro. O sentimento foi de entusiasmo depois de observar a última sessão, pois a partir dali se notou a possibilidade da existência de uma mãe e de um bebê enquanto uma dupla. Foram realizados dezoito encontros com a dupla mãe-bebê

ao longo de dez meses, isso porque, por vezes, a mãe desmarcava os atendimentos justificando algum impedimento. O pai, por sua vez, não participou de nenhuma sessão, embora tenha sido proposto pelas terapeutas que ele se fizesse presente. O que ficou evidente a partir dos atendimentos é que Neusa era uma mãe em sofrimento, que por vezes negava a existência desse filho (quando relata que se “desliga” dele) e que, inicialmente, busca ajuda para sanar suas próprias angústias, as quais ela reconhece apenas como um cansaço físico e não se dá conta de que também é difícil a sua interação com seu filho. O que se pôde observar com os atendimentos da dupla foi que, no início não havia interação entre a díade, o que foi mudando aos poucos, embora no final ainda que fosse muito sutil. Neusa e Pietro foram evoluindo juntos, pouco a pouco. Neusa foi se dando conta, no decorrer do tempo, que ela não havia se encontrado com seu bebê. E Pietro, por sua vez, que passou a ser um bebê com “vida”, já que antes a sua falta de protesto e falta, até, de movimentos corporais, despertava para algo (sequer “alguém”) sem vida.

Considerando todo o tempo de psicoterapia e os vídeos das sessões que observei, não restou outro aspecto que me chamasse tanto à atenção quanto a falta de olhar nos olhos e a falta de momentos lúdicos entre a díade: aspectos tão fundamentais para a constituição da subjetividade. Os atendimentos, mesmo que não assistidos presencialmente, me despertaram frieza, falta de empatia, de afeto. Falta de uma relação que demonstrasse o quanto havia cuidado e desejo daquela mãe pelo seu bebê. Neusa parecia desviar para seu marido a queixa pela sua rotina ser tão pesada e massacrante para ela, como uma resistência a não sentir as suas próprias dificuldades que ela dizia ser apenas físicas e não emocionais.

Tais dificuldades estavam impossibilitando Neusa de interagir e de se encontrar com seu filho. Winnicott (1967) afirmou que a mãe, nessa etapa de vida da criança, deve exercer uma função de ego auxiliar para seu filho para que esse possa se desenvolver. Uma das formas de dar esse suporte ao recém-nascido é já no momento da amamentação, em que a mãe tem a possibilidade de, com o olhar e a fala, ser espelho para o lactante Winnicott (1967) aponta que um bebê sendo amamentado talvez não olhe para o seio da mãe, mas sim procure o rosto da mãe para ficar observando enquanto se alimenta. Normalmente, o que o bebê encontrará ali será ele mesmo, se a mãe, da mesma forma, estiver lhe retribuindo o olhar. Chamada de “função especular”, essa é a maneira com que o bebê poderá receber de sua mãe o seu *self*, possibilitando

que ele comece a se constituir “a partir de seu próprio ‘núcleo’ e não de uma realidade externa” (Gómez, 2014). Fazendo uma costura com os indicadores de intersubjetividade de Victor Guerra já descritos aqui, a “função especular” faria parte logo do primeiro indicador: o da troca de olhares entre a mãe com o bebê em seu colo. É esse indicador que aponta sobre a importância da comunicação da díade durante a amamentação. Mais adiante, ainda, o mesmo autor fala da função de espelho no momento em que o bebê busca um olhar referencial, do qual espera uma resposta afetiva para alguma ação nova a que vá realizar.

A noção de “espelho” é caracterizada de diferentes formas por alguns autores, mas para Winnicott o lactante se reconhecerá a partir de uma presença viva, a partir do rosto materno e da relação que se estabelece a partir do olhar: “o rosto materno, em sua expressividade afetiva, sustenta o olhar do bebê e o devolve a si mesmo. Sentir-se visto e reconhecido pelo olhar materno é para a criança a aprovação e confirmação da própria existência. Sua função especular é nada mais que o reconhecimento do modo de ser singular do bebê e, portanto, oferta à constituição e integração do *self*” (Socha, 2008).

Na citação próxima descrita por Gómez (2014), a autora ratifica a importância de o bebê ter sido olhado nos primeiros meses de idade, tendo em vista que é a partir disso que poderá relacionar-se com o mundo externo:

“O processo de integração e a capacidade de se relacionar com objetos externos, objetivamente percebidos, vão depender de que, nesse momento inicial, o bebê tenha a experiência onipotente de ser o criador do mundo. Tal visão difere de outras teorias que consideram que a relação com a realidade externa está sujeito à experiência de frustração, de confronto com uma realidade à qual ele precisará adaptar-se. Para Winnicott, esta percepção da realidade externa é uma experiência posterior, que pressupõe a precedência da apercepção e um crescimento gradual que acompanhe o desenvolvimento emocional do bebê”. (Gómez, 2014, p.35-36)

A função especular é, antes de outra coisa, uma relação “entre” a díade, pois não basta apenas um para que ela ocorra e tampouco a experiência causará mudanças em somente um. Tanto mãe quanto recém-nascido serão constituídos mutuamente quando procuram o olhar um do outro. O bebê precisa receber da mãe um reflexo daquilo que transmite para ela e para que essa sinta e devolva para o filho a imagem, precisa estar identificada com ele. Por outro lado – e por isso que a experiência afeta a ambos – no reflexo que a mãe devolve ao bebê está inserida, também, sua vivência subjetiva. Ou seja, não apenas o bebê se constitui na relação especular, mas a mãe também é criada e transformada no encontro com seu filho (Gómez, 2014). Além do olhar, a função de

espelho também pode se dar através da linguagem. Aqui, não será o sentido das palavras propriamente ditas que serão levadas em conta nessa troca entre a dupla, mas sim o ritmo, a melodia e o tom, por exemplo, os quais formam um conjunto caracterizado como o “manhês”, o qual, por sua vez, será característico de cada mãe para com seu filho.

Até aqui seria o que se espera que aconteça para que a subjetividade vá se constituindo, por outro lado, se a função especular não se estabelece (como exemplo o caso apresentado anteriormente) o bebê terá como resposta ao olhar para o rosto de sua mãe, apenas o próprio humor ou rigidez dessa última. Dessa forma, a capacidade criativa do recém-nascido passa a ficar restrita e aos poucos vai se atrofiando, já que, quando olha, o que é visto é apenas o rosto da mãe, não desempenhando, portanto, a função de espelho (Gómez, 2014). Ou, levando em conta o “manhês” – o qual vai ao encontro do que também caracteriza a falta do olhar – o lactante ficará privado de se reconhecer e de criar a partir da fala materna. Socha (2008) cita a intrusividade, a inexpressividade e a impessoalidade como formas de fracasso especular, sendo as duas últimas – as quais considero que caracterizam o caso em discussão – assim consideradas:

“Este é o caso de vozes inexpressivas, depressivas ou maníacas, que possuem graves dificuldades em se aproximar da fala infantil e não se permitem serem criadas pela criança. Quando a esperança se encontra drasticamente reduzida, o bebê humano deixa de se deslumbrar com a melodia da voz materna, restando apenas ruídos sonoros. Privada da possibilidade de criar a externalidade, a criança tem a experiência precoce de uma realidade objetiva. O mundo externo não concebido previamente pela criança lhe causa uma profunda sensação de irrealidade, visto que o self verdadeiro não é encontrado em parte alguma. (...) Também a impessoalidade da voz pode provocar o fracasso da função especular. Se nos modos anteriores de fracasso especular a voz materna não expressava que a si própria, neste o bebê não encontra indício algum da subjetividade materna na sua voz. A mãe fala ao bebê sem estar lá: ela fala sobre o bebê e não para o bebê.” (Socha, 2008, p.8)

Especialmente sobre “não falar para o bebê” é o que se pôde observar com as sessões da dupla em questão. A mãe dificilmente nomeava as emoções do filho quando esse expressava algum balbúcio ou choro, do contrário, seu olhar e sua fala permaneciam dirigidos para as terapeutas. Mais adiante, próximo às últimas sessões é que a mãe criava indícios de fala e olhar dirigidos para o olhar do filho (por exemplo quando o posiciona em sua frente, depois de Pietro ter protestado, e lhe diz que entende sua impaciência, mas que “agora que falar”).

Outro aspecto, já mencionado, e que chamou a atenção na não-interação entre mãe e bebê foi a falta de brincadeiras, de momento lúdico entre a díade. A mãe não engaja em jogos que envolvessem somente ela e seu filho, tampouco usava objetos para atrair a atenção do mesmo e, quando apresentava-lhe algum, era de forma rápida, sem que se prosseguisse daí uma ação ou narrativa. O objeto, então, não ganha cor, ritmo, som, história. Mais para o final dos atendimentos que aconteceram com a dupla é que a mãe começa a dar sinais de uma interação que tenha por objetivo o lúdico, ainda assim é pouca e muito simples. O bebê, por sua vez, maneja objetos que lhe são apresentados na sala de atendimento e dirige o olhar para as terapeutas quando essas usam os brinquedos para interagirem com ele.

Victor Guerra, ao discriminar os indicadores de intersubjetividade, inclui a brincadeira como uma experiência fundamental para a constituição da subjetividade. Ao longo do seu desenvolvimento, o bebê passa a se comunicar de forma lúdica, enquanto que ainda não adquiriu a linguagem. O “jogo de cócegas e de suspense”, por exemplo, é um dos indicadores que está vinculado com a disposição lúdica que a mãe tem para com seu filho. A brincadeira de esconde-esconde também antecipa algo: a experiência de separação da mãe. E essa conta com a capacidade da mãe de fazer o suspense do desaparecimento de forma lúdica a fim de que o reaparecimento se dê de forma prazerosa ao bebê. Em um primeiro momento a interação acontece entre mãe e bebê para que depois faça parte os objetos. Na “atenção conjunta” um outro objeto já faz parte da interação e também tem que a mãe ter recursos psíquicos para introduzir nos objetos uma narratividade, um conteúdo lúdico (na atenção conjunta transicional, especificamente).

Winnicott (1971) fala sobre o brincar não somente na clínica entre paciente e terapeuta, mas que tal experiência é importante para a comunicação do lactante também com sua mãe, especialmente por se constituir, a partir do lúdico, um relacionamento de confiança entre ambos. O mesmo autor, ainda, ratifica que é no brincar que tanto o adulto quanto a criança conseguem expressar sua criatividade e, é sendo criativo que o indivíduo descobre o seu “eu”. No caso apresentado, a mãe tem dificuldade em apresentar para seu filho aquilo que ele poderia levar do mundo externo (objetos ou fenômenos) para dentro do lúdico. É dessa forma, incorporando coisas do mundo externo à brincadeira, que a criança pode expressar sua realidade interna ou pessoal.

Winnicott (1971) descreve uma sequência de relacionamentos a partir do brincar: em um primeiro momento, objeto e bebê estão fundidos um no outro e é papel da mãe fazer concreto aquilo que o bebê está prestes a encontrar. Depois o objeto é repudiado, aceito e percebido objetivamente, a mãe, por sua vez, tem o papel de participar e devolver ao filho aquilo que é abandonado, possibilitando a ele uma experiência de ilusão e de controle onipotente sobre o mundo. O interjogo entre realidade psíquica e controle de objetos reais cria um espaço potencial entre a dupla mãe-bebê, no qual a brincadeira começa. Mais adiante a criança já tem capacidade de ficar sozinha, brincando, com base na suposição de que a pessoa que ela ama é digna de confiança e permanece disponível quando é lembrada. Por fim, a mãe introduz seu próprio brincar e dessa maneira está preparado o caminho para um brincar conjunto num relacionamento.

Os objetos externos inseridos ao brincar do lactante que são apresentados pela mãe para o bebê terão importância para que sirvam, depois, de “objetos tutores” quando a mãe não estiver presente com o filho. É como se ela investisse pequenas partes de si naqueles objetos, e isso acontece através do olhar que a mãe transfere àquilo, bem como pelo modo como o cria e lhe dá vida. Dessa forma, o objeto torna-se guarda o registro de um encontro afetivo entre mãe e bebê. E é por isso que, quando a mãe se faz ausente, o bebê consegue manter-se em equilíbrio, já que o objeto transmite a continuidade de um cuidado e guarda consigo lembranças de um momento de troca e interação.

6. Algumas, de tantas, considerações finais...

A escrita até aqui foi baseada na teoria de Winnicott e de Victor Guerra, estritamente. Tão fortemente a relação mãe-bebê presente em ambos os escritores me fizeram pensar que não existe o bebê sem a mãe, assim como a mãe só o é pela existência de um bebê. A “mãe” aquela, como já escrito anteriormente, que não necessariamente a que dá a luz, mas a que desempenha a função materna, dando suporte – e sua subjetividade – para o desenvolvimento do recém-nascido. A constituição do lactante não se dará sozinha, pois existe uma tendência à interação da dupla. Essa interação, por sua vez, causará mudança em ambos: bebê se constitui e mãe se transforma a cada vez que interage com seu filho, pois deverá ser empática e entender as mudanças e necessidades dele conforme se desenvolve.

Idealmente falando, o bebê “começaria a nascer” no momento em que fosse desejado pelos pais. Depois, que a mãe (desde a gravidez) entrasse em uma nova organização psíquica, revivendo inconscientemente aspectos da sua própria relação enquanto bebê com sua mãe, e voltando toda sua atenção e preocupação para seu filho que estaria por chegar. Num próximo estágio, já depois de dar a luz, o ideal seria que essa mãe exercesse a função de forma “suficientemente boa” a fim de que estivesse em consonância para entender e suprir as demandas do filho. Entretanto, há encontros entre a dupla que fogem às premissas do ideal. E daí se pode supor uma gama de causas que expliquem em que momento houve uma falha para que a interação entre a dupla mãe-bebê não fosse saudável de forma esperada: ou já no desejo (a falta dele), ou pelos próprios conflitos internos da mãe, ou talvez ligadas às experiências pelas quais passou em sua relação com sua própria mãe, ou ainda por alguma patologia associada. Enfim, se existe não-encontro entre a dupla mãe-bebê é momento de dar atenção, escuta e cuidados para isso, a fim de que se possa possibilitar um re-encontro ou reconhecer a impossibilidade da relação.

Os indicadores de intersubjetividade de Victor Guerra têm por fim nos demonstrar e exemplificar o modo de como uma relação saudável se dá. Os indicadores nos orientam e sinalizam para o que podemos esperar em cada etapa do desenvolvimento do lactante e, a partir disso, é possível identificar de forma precoce algum indício de sofrimento psíquico. O caso que optei para a presente escrita é de uma mãe (a própria que gestou) e seu filho, e é um exemplo de onde existe a falha na interação, de onde está identificado que “falta” naquilo que deveríamos esperar para a faixa etária do bebê. Eles não são uma dupla ideal.

A partir disso, o trabalho das terapeutas do Centro Pais-bebê, em poucas sessões, foi o de fazer com que Neusa e Pietro estivessem mais próximos e estabelecendo trocas que são tão importantes para o desenvolvimento de Pietro nesse primeiro ano de vida. Eu, enquanto observadora, apenas, senti o quanto foi importante o papel da psicoterapia nesse momento da dupla, pois, apesar de pouca, já há indícios de uma interação que pode vir a crescer e melhorar. As intervenções com a dupla mãe-bebê fizeram mover, e arrisco até dizer que fizeram reviver, algo que estava apática, sem energia, sem vida, que era a interação entre os dois.

Por fim, mas continuando com as reticências para não ter um ponto final, considero que a escrita do trabalho me proporcionou ir mais a fundo, a mergulhar na teoria winnicottiana, a qual considero tão rica e sensível. Bem como a conhecer um pouco das referências de Guerra, também importantes e claramente escritas. Além de mergulhar, eu transbordei sentimentos quando pude me aproximar, mesmo que da tela do computador, do caso da dupla Neusa e Pietro, os quais me levaram desde estágios de angústia, descrença e desânimo até alegria, entusiasmo e vontade de continuar estudando e adquirindo experiência para poder eu, num futuro próximo, me dedicar a casos como esse que merecem ser olhados, escutados e cuidados para que se reencontrem e tenham a possibilidade de viverem de forma saudável essa interação tão construtiva que é a relação mãe-bebê...

7. As referências que me embasaram...

Bussab, V. S. R., Pedrosa, M. I., Carvalho, A. M. A. (2007). Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. *Psicologia USP*, 18(2), 99-133.

Frizzo, G. B. & Piccinini, C. A. (2005). Interação mãe-bebê em contexto de depressão materna: Aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, (10), 47-55.

Gómez, M. (2014). A intersubjetividade nos primórdios da relação mãe-bebê. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Guerra, V. (2013). Palavra, ritmo e jogo: fios que dançam no processo de simbolização. *Revista de Psicanálise (SPPA)*. 20 (3): 575-582.

Guerra, V. (2014). Indicadores de intersubjetividad 0-12 m. Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos. [Filme-vídeo] Filme patrocinado pelo Comité Outreach da IPA, Montevideú.

Lebovici, S. (1987). O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artmed.

Lebovici, S. (1999). *As consultas psicoterápicas*. In: Guedeney, A. & Lebovici, S. Intervenções psicoterápicas pais/bebê. Porto Alegre: Artmed.

Silva, M. R., Gonçalves, T. R. , Guimaraes, L. E. , Lopes, R. S., Piccinini, C. (2013) . Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso)*, (26), 599-608.

Socha, A. (2008). A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. *Winnicott E-prints Série 2*, (3), n.1/2, 2-12.

Tavares, T. A. (2016). O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Winnicott, D. W. (1956). Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Winnicott, D. W. (1968). Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Winnicott, D. W. (1971). *Introdução*. In: Winnicott, D. W. Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

Winnicott, D. W. (1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Winnicott, D. W. (1982). *Mais ideias sobre os bebês como pessoas*. In: D. W. Winnicott (1982) *A Criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D. W. (1982). *O bebê como pessoa*. In: D. W. Winnicott (1982) *A Criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D. W. (1982). *Por que as crianças brincam*. In: D. W. Winnicott (1982) *A Criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.